

Documentação
 Fonte: OESP
 Data: 7/4/99, Pg. Z4e5
 Class.: 1456

Médico da região auxilia indígenas em Parelheiros

Com apoio da Fundação Nacional de Saúde, grupo do Instituto da Criança trata de povoados

LUCIANA GARBIN

O trajeto do Hospital das Clínicas, em Pinheiros, até a aldeia dos guaranis em Parelheiros leva quase duas horas e é feito num Toyota da Fundação Nacional de Saúde (FNS). Dentro do veículo, o pediatra Renato Minoru Yamamoto e a assistente social Waldenice Aparecida Machado, do Instituto da Criança, cruzam o município ao lado do funcionário da FNS Sérgio Luiz Meira. Todas as semanas, eles vencem o trânsito e as ruas esburacadas para prestar auxílio a crianças indígenas com até 12 anos.

A idéia nasceu no ano passado e rende bons resultados. Antes de a equipe iniciar o trabalho no local, os índios precisavam ir ao posto de saúde de Parelheiros, distante das aldeias. Sem dinheiro para as passagens de ônibus, os nativos só costumavam aparecer na "cidade" nos

casos mais graves (às vezes, muito tarde para qualquer tratamento). "A situação mantém-se grave na região indígena", destaca Yamamoto, que também coordena a Seção de Assistência Comunitária do Instituto da Criança. "Das cerca de 150 crianças que examinamos até agora, 80% apresentavam desnutrição, sendo metade casos médios ou graves", relata. "O índice registrado supera o do Nordeste, que está entre 50 e 60% na cidade, a ocorrência normal de desnutridos leves fica em 20%".

A desnutrição pode provocar anemia, diminuição de peso e comprometimento do crescimento e da altura. Como único médico da equipe, ele só consegue atender de 15 a 17 crianças por dia. Nos próximos meses, porém, pretende arremessar residentes do instituto para ajudá-lo na tarefa.

Remanescentes - Cerca de 200 famílias vivem nas duas aldeias guaranis de Parelheiros, distantes sete quilômetros uma da outra. Os povoados acabaram formados em 1958, quando se reuniram remanescentes dos guaranis vindos de Itanhaém. O local serve de área de



Família guarani: antes era preciso ir até a "cidade", enfrentando o preconceito dos brancos, para conseguir atendimento médico

passagem para outras aglomerações indígenas, como as do litoral sul do Estado. No entanto, há muita gente que vive ali há 15 ou mesmo 20 anos. No total, há 19 aldeias no Estado de São Paulo.

Manoel Lima, de 46 anos, veio há dez do Paraná e recebeu em 1995 a denominação de cacique. "É difícil ser chefe aqui porque todos os problemas vêm em cima de mim", que-

ixa-se. Entre as principais dificuldades, segundo o líder, está controlar os índios viciados em bebidas alcoólicas e lidar com o espanto das pessoas. "Estamos em relação direta há quase 500 anos e ainda há brancos que acham que só existe índio na Amazônia", reclama. "O contato com a cidade ficou difícil; precisamos manter a cultura e pensar no futuro daqui."

Lima explica que o dinheiro da aldeia vem principalmente da venda de artesanato e serve para comprar comida e pagar eletricidade e gás. Nem todas as casas, no entanto, contam com o serviço e o saneamento configura outro problema. Sem fossas, a diarreia aguda surge como a primeira causa de mortalidade infantil. O médico também registra a cada ano mais casos de pa-

rasitose intestinal. "A situação está pior do que numa favela, pois não existe nem água encanada", reclama Yamamoto. "Os únicos pontos potáveis estão no centro comunitário, que fica distante da maioria das casas." Enfrentando carências de infra-estrutura, a equipe faz o que pode: examina as crianças e fornece medicamentos.

À esquerda, estudantes aprendem matemática na sala de aula de alvenaria: muitos têm de conciliar lápis com as foices de cortar palmito. À direita, "Tupameri": grupo gravou CD com "músicas de mato e de pássaros"



Guaranis tentam preservar raízes

Crianças aprendem língua portuguesa, mas ainda se divertem com danças típicas

Fábio Verá é um garoto de 12 anos que sabe o que quer. Vive com a avó numa pequena casa de pau-a-pique na aldeia indígena de Parelheiros e já traçou um plano de vida, que se resume a casar depois de terminar os estudos e arrumar um emprego na cidade. Também deseja ajudar a tribo a manter as tradições. Fábio até poucos anos atrás dizia que não queria ser índio. "Os brancos passam por menos dificuldades que a gente", justifica, lembrando de como pensava. "Mas eles também não podem beber água na bica nem caçar."

Esse cotidiano, porém, também passa por alterações. "Há dez anos, existia caça por aqui,

mas agora a cidade vem 'em cima de nós' e os animais fogem."

O dia-a-dia do garoto, porém, continua tradicional. De manhã, depois de pedir para Tupã ajudá-lo na escola, vai para a sala de aula de alvenaria, construída no centro do povoado. Na parte da tarde joga bola com garotos de sua idade ou ajuda a avó nos afazeres domésticos. As noites ficam reservadas para a xodaro (dança do guerreiro).

Na escola, quem ensina é a professora Néia Marcondes, de 27 anos, a única nos últimos anos que se dispôs a ir até a aldeia ensinar os guaranis. "Pedi para um amigo trazer-me, gostei e comecei a vir de vez em quando; no princípio, eles não me recebiam muito bem", relata. "Depois, fui ganhando a confiança deles."

Adaptações - Por dois anos, ela não ganhou nenhum centavo pelas aulas de matemática, língua portu-

SEUBAIRRO SOLIDARIEDADE



Foto: Caio Quatrinelli/VE

Cidadania - Os índios elogiam o trabalho dos profissionais do Instituto da Criança. "Nós somos cidadãos brasileiros, com direito ao bem e ao mal e à assistência", assinala o cacique. "Neste ano, nenhuma criança ainda morreu", comemora Joaquim de Lima, de 45 anos. "Antes do doutor aparecer, veio muita gente prometendo que ia ajudar, mas ninguém cumpriu nada."

Nos prontuários médicos registram-se geralmente doenças como infecção de ouvido, bronquite e sinusite. O garoto Ricardo, de 1 ano e meio, esteve entre os atendidos pelo pediatra no mês passado. A mãe, Maria, relatou "febre e gripe". Na verdade, o menino sofria com uma infecção no ouvido e encontrava-se abaixo da média de peso normal para a idade.

"Eles tratam bem a gente", assegura Maria. Nascida na aldeia, ela não sabe nem quantos anos tem.

"Vinte, parece." No entanto, diz que está casada há oito anos.

De acordo com a assistente social do Instituto da Criança Waldenice Aparecida Machado, casar com pouca idade aparece como prática freqüente na aldeia. "Ainda estamos conhecendo as necessidades e o modo de vida deles, mas já deu para perceber que a formação dos núcleos familiares muda muito e as garotas engravidam muito cedo; com 14 anos muitas já são mães."

Para Waldenice, o trabalho caracteriza-se pelo desafio. Um exemplo de progresso foi o do menino Arilson Gabriel, de 10 meses, que ganhou dois quilos em apenas três meses. "Ele sofria de desnutrição porque a mãe dava somente três mamadeiras por dia, quando o ideal seriam sete", explica Yamamoto. "Ele chorava mesmo era de fome."



Acima, Waldenice: "Formação dos núcleos familiares muda muito e garotas engravidam cedo; com 14 anos muitas já são mães." Ao lado, Yamamoto: "Das 150 crianças que examinamos, 80% apresentavam problemas de desnutrição"

guesa, ciências, história e geografia. Há um ano, passou a receber salário do Instituto Brasileiro de Alfabetização Comunitária. "O trabalho aqui difere do realizado em salas normais, porque preciso adaptar-me à cultura deles", esclarece. "As quartas, quintas e sextas-feiras, por exemplo, aparecem menos alunos porque muitos vão para o mato cortar palmito, que vendem na cidade no fim de semana."

Néia ressalta ainda que enfrentou problemas com amigos, por causa do trabalho. "Quando era pequena, ouvia minha mãe dizer que os índios eram selvagens e perigosos", recorda. "Muitos conhecidos também me criticaram."

Para a professora, isso demonstra falta de consciência. "Tenho aprendido muito aqui", diz. "Só fica com medo e preconceito aquele que não conhece os guaranis; algu-

mas pessoas evitam pegar o ônibus que vai de Barragem a Santo Amaro, para não encontrar índios."

Ela foi a primeira branca a conseguir permissão para participar de uma reunião na aldeia. "Não entendi nada do que falavam", lembra. "Quando riam, eu ria também", resume. Para aprimorar o trabalho, a professora receberá aulas de guarani de alguns de seus alunos.

Entre os estudantes se destaca Dinartes Benites, ou Tupameri, de 26 anos. Fã de futebol e inimigo da matemática, costuma tocar as canções tradicionais guaranis num violino que ganhou. No ano passado, fez parte do grupo que gravou *Nandé Reko Arandu (Memória Viva Guarani)*. "Pusemos ali músicas de mato e de pássaros", diz. O CD pode ser comprado por R\$ 20,00 na aldeia ou pelo telefone 820-8274.

ALUNOS FALTAM ÀS AULAS PARA TRABALHAR